

APROPRIAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Estudos de Caso em Berlim e Salvador

O objetivo do presente artigo é o de discutir, ainda que de modo preliminar, as relações entre lugar e mídia no mundo contemporâneo, a partir das táticas de apropriação sócio-espacial de grupos e iniciativas em Berlim e Salvador. As análises se pautam em dois exemplos, tomados como estudos de caso: a constituição de uma rede de internet descentralizada e não hierárquica na capital alemã (rede Freifunk), gerenciada pelos próprios usuários, e as relações entre Capoeira e Orkut, na capital baiana. Os exemplos analisados mostram que essas táticas de apropriação sócio-espacial têm rebatimento concreto nos respectivos lugares de atuação, “abrindo” os grupos e iniciativas para o exterior, ampliando sua ação e consolidando redes de relações que extrapolam os limites dos lugares onde atuam.

Introdução

Os lugares estão presentes nos meios de comunicação e estes também se fazem presentes, de modo material e concreto, em seus lugares de ocorrência. Portanto, embora paradoxal, o “virtual” se localiza no espaço, se espacializa em momentos e lugares específicos.

A relação entre lugar e mídia produz o espaço urbano na contemporaneidade, a partir de táticas e discursos próprios aos agentes e grupos que compõem as diferentes iniciativas analisadas nos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação, do Departamento de Geografia, da Universidade Federal da Bahia.

Para problematizar esta relação devemos partir do pressuposto de que a ação e o discurso destes grupos e iniciativas produzem “lugares” a partir da apropriação dos meios de comunicação em contextos espaço-temporais específicos.

Em nossas pesquisas, busca-se proceder a uma análise fenomenológica e praxeológica das trajetórias culturais dos grupos e iniciativas que produzem e reproduzem ideias alternativas de cultura, apreendendo a composição dos lugares onde estes grupos atuam, bem como a inovação que modifica estes lugares ao atravessá-los, por sua abrangência de atuação (CERTEAU, 2003).

Assim, é importante a caracterização destes grupos e iniciativas, atentando-se para suas formas de organização e mobilização de recursos, contextualizando-as nos respectivos lugares de ocorrência. É necessário também explicitar os conflitos resultantes da ação destes grupos e iniciativas, as limitações econômicas, jurídicas e políticas para sua atuação, assim como a espacialidade que embasa suas táticas de apropriação dos meios de comunicação.

Neste contexto, é também igualmente necessário se debruçar sobre o papel da técnica como mediação entre mídia e lugar. O acesso a “técnica” é, porém, desigual e hierárquico, produzindo homogeneidades, de um lado, bem como fragmentação e cisões espaciais, de outro, demonstrando a existência de lugares, onde a técnica seria incipiente e/ou mal (e/ou pouco) utilizada/apropriada. Mas aqui, tão importante quanto o estudo das técnicas, é a análise do modo pelo qual elas se localizam no tempo e no espaço e são apropriadas por agentes e grupos não hegemônicos, viabilizando a enunciação e a “fabricação” de lugares através do rádio, do vídeo e da internet.

Estudos de Caso em Berlim e Salvador

Em 2007, iniciamos novos levantamentos de campo em bairros populares de Salvador, já analisados em outros estudos pelos pesquisadores do Grupo Espaço Livre. Nosso foco recaía agora sobre grupos e iniciativas protagonistas de táticas de apropriação dos meios de comunicação nas áreas populares da metrópole soteropolitana, em especial sobre sua atuação como produtores de conteúdos para o rádio e a internet.

Buscávamos agora compreender como os lugares se refletem nessas iniciativas e como essas iniciativas encontram rebatimento nos respectivos lugares de ocorrência. As novas pesquisas originaram um rico banco de dados, com informações detalhadas sobre os agentes e grupos responsáveis pelos processos de apropriação sócio-espacial destes meios de comunicação nos lugares analisados, bem como sobre o perfil dos ouvintes e usuários.

Em março de 2009 segui para Berlim para um pós-doutorado de sete meses no Instituto de Geografia da Humboldt Universität¹ com o objetivo de pesquisar as táticas de apropriação dos meios de comunicação por grupos e iniciativas dos bairros populares e dos centros culturais alternativos na capital alemã. O projeto de pós-doutorado pretendia aprofundar e dar continuidade às pesquisas e reflexões que vinham sendo desenvolvidas em Salvador.

A escolha de Berlim justificou-se pelo fato desta cidade se destacar atualmente no cenário europeu e mundial como uma centralidade cultural, política e econômica, que vem atraindo migrantes de todo o continente, consolidando sua vocação como porta de entrada para migrantes da Europa oriental. Sua história de “cidade partida” entre dois modelos político-econômicos até o final dos anos 1980 é ainda bastante evidente na geografia atual da cidade.

Isso fazia supor também a existência de diferenças ainda significativas entre os bairros das antigas Berlim Oriental e Ocidental, não só em termos do perfil sócio-econômico e cultural da população, mas também em termos de valorização do solo urbano, da infraestrutura existente e da oferta de empregos e serviços aos moradores, dando a

ideia da existência de bairros de perfil nitidamente popular, no que tange aos aspectos econômicos e sociais, mas também culturais.

Paradoxalmente, para os padrões alemães, Berlim é uma cidade relativamente pobre, o que pode ser constatado por seu percentual de desempregados (20%) e por mais de 120 mil imóveis desocupados. Se, durante os anos de Guerra Fria, muitos recursos foram investidos na parte ocidental da cidade, para demonstrar a força e a pujança do sistema capitalista, após a queda do muro, Berlim se transformou em um oásis de aluguéis muito baratos e preços geralmente mais baixos que no contexto europeu. A cidade é pólo de atração para artistas e designers em busca de inspiração e, sobretudo, de espaço, principalmente nos bairros da parte oriental.

Os estudos de caso em Berlim contribuíram para fornecer novos subsídios e parâmetros comparativos para as pesquisas desenvolvidas em Salvador, a partir do contato com grupos e iniciativas que usufruíam de mais acesso e maior domínio das tecnologias utilizadas que no contexto brasileiro. Entrevistas com os protagonistas destas iniciativas na cidade constituíram a base principal das análises empreendidas.

Tecnologia e Lugar

Acesso universal à internet com baixo custo parece um sonho distante no Brasil, onde a proporção de domicílios com computador não supera a marca dos 36% (TIC Domicílios, dados de 2009)². Na região Nordeste esse percentual é ainda mais baixo, não ultrapassando 18% (em comparação com a região Sudeste, com 45%, e a região Sul, com 43%, dados de 2009). Se considerarmos somente aqueles computadores com acesso à internet esses números caem, respectivamente, para módicos 27 e 13% (dados de 2009).

O local de acesso à internet evidencia que as *lan houses* superam os domicílios nas menores faixas de renda: 72% até um 1SM; 60% entre 1 e 2SM; 44% entre 2 e 3SM contra 38% entre 3 e 5SM; 27% entre 5 e 10SM e 16% com 10SM ou mais (TIC Domicílios, dados de 2009). Independente da faixa de renda, 30% dos brasileiros acessam a internet em casa e 54% acessam a internet em *lan houses*.

Na Alemanha, o acesso às tecnologias de informação e comunicação é mais universalizado, e a discussão se dá em outras bases. Como em Berlim, onde 73,3% dos domicílios dispõem de computador com acesso à internet, e a administração municipal quer abrir em breve licitação para implantação de uma rede sem fio que cubra todos os espaços públicos da cidade.

Vive-se em Berlim a era da universalização da rede sem fio, algo inimaginável no contexto brasileiro atual. A ideia é instalar roteadores e antenas em semáforos, postes de

iluminação e telhados de edifícios públicos, o que vem causando polêmica, considerando-se o impacto visual e a possibilidade de problemas de trânsito, em decorrência de possíveis falhas de sincronização com os semáforos. Mas essa não é a única causa de insatisfação em Berlim. Muitos gostariam que a infraestrutura fosse de fato pública e não explorada pela iniciativa privada.

Em Berlim, uma rede sem fio nas mãos dos usuários já é realidade desde 2002. Trata-se da iniciativa Freifunk (“Onda Livre”), que reúne muitos adeptos, principalmente no lado oriental da cidade, em distritos como Friedrichshain, Mitte e Prenzlauer Berg. Nestes distritos, logo após a queda do muro, a empresa de comunicação alemã Telekom instalou cabos de fibra ótica, na época a tecnologia mais moderna para acesso à internet rápida. Com o advento da internet sem fio, esses cabos se mostraram inapropriados, já que a instalação de uma infraestrutura assim requeria cabos de cobre: isso deu origem à rede Freifunk, fruto da organização dos habitantes, que ao longo dos últimos anos conseguiram instalar uma (impressionante) estrutura descentralizada de rede sem fio, a um custo muito baixo e sem necessidade de conexão com um provedor central.

A rede Freifunk desconstrói a ideia de que a tecnologia separa e isola as pessoas nas metrópoles contemporâneas, porque exige de seus usuários estratégias de organização baseadas no encontro e na co-presença entre vizinhos, fortalecendo as redes sociais nos distritos onde se insere:

Nós entendemos desde o início que Freifunk é, sobretudo, uma rede social, de caráter predominantemente local, não falamos nunca de construir uma rede assim com outros países ou cidades, nem mesmo com outros distritos, a rede é construída internamente aos distritos, falamos de ruas, de vizinhança, de vizinhos que estão a 300, 500 metros de você. E isso realmente só funciona bem se as pessoas se conhecerem, se estão dispostas a aprender a técnica, a compartilhar os custos, por exemplo, de uma conexão à internet (Jürgen Neumann, Freifunk).

Para se conectar à rede Freifunk, o novo usuário precisa de um roteador reconfigurado, um computador e alguém nas vizinhanças que já participe da rede. Os usuários compartilham programas gratuitos disponibilizados na plataforma Freifunk, além de uma infraestrutura de vizinhança, como antenas nos telhados dos prédios. Para iniciantes há um encontro semanal, no centro da cidade, quando experiências e dúvidas são compartilhadas com os mais “veteranos” na rede.

A rede Freifunk não se restringe apenas ao acesso à internet. O intercâmbio de arquivos é mais intenso entre os participantes do que na rede sem fio comercial. E isso não ocorre por acaso, como explica Jürgen Neumann, um dos muitos porta-vozes da rede:

É muito mais rápido baixar um vídeo no computador a partir de um site, do que enviar um vídeo produzido por você para o youtube, porque, desde o início, os provedores da infraestrutura queriam transformar os usuários em consumidores que não produzem conteúdos para a rede.

Ou seja: a tecnologia ADSL que baseia a rede sem fio comercial determina velocidades maiores para baixar arquivos e menores velocidades para enviá-los. Além disso, na rede Freifunk, todos dispõem de um endereço fixo de IP (ao contrário da internet sem fio convencional), o que facilita a conexão direta e o compartilhamento de conteúdos entre os participantes.

Se no contexto alemão Freifunk significa uma rede autônoma e não hierárquica de comunicação, no Brasil poderia representar uma possibilidade real de acesso à rede mundial de computadores de modo criativo, participativo e compartilhado para aqueles que de fato necessitam dessa técnica e não podem assumir os (ainda altos) custos para sua instalação.

Deve-se mencionar aqui o projeto Infovia Municipal de Salvador – SSA Digital, que objetiva dar completa cobertura de internet sem fio na cidade até a Copa de 2014. Pretendia-se instalar internet sem fio gratuita em 40 espaços públicos da capital baiana até o final de 2010, mas até agora somente quatro pontos já contam com o sistema (Praça Municipal, Praça João Martins, em Paripe, Praça do Imbuí e Praça Regina Guimarães, na Fazenda Grande), com um custo de 200 mil reais aos cofres públicos (VASCONCELOS, ANJOS, 2010).

No entanto, o serviço ainda é praticamente desconhecido para a maioria dos potenciais usuários. Os poucos que têm conhecimento do projeto se questionam sobre quem terá coragem de abrir um notebook para ficar à mercê de ladrões em um espaço público. Além disso, o serviço não exige ainda identificação dos usuários, o que, de acordo com especialistas, pode favorecer os chamados crimes “virtuais” (VASCONCELOS, ANJOS, 2010).

A comparação entre contextos sócio-espaciais tão díspares, embora passível de questionamentos, coloca a questão de que a investigação sobre as relações entre mídia e lugar, entre tecnologia e lugar, requer uma avaliação do espaço como meio operacional e como meio percebido/concebido, de acordo com as ideias de Milton Santos (1996). É dos resultados de uma investigação assim que se pode inferir o papel e a importância dos lugares para a apropriação da técnica e sua transformação, através do uso e da apropriação, em tecnologia.

Esse “novo meio técnico” (composto por comunicação e informática, por linguagens e equipamentos) desempenha um papel que vai além da função de sustentáculo da ação humana, já que é, ele próprio, segundo Ana Clara Torres Ribeiro, “intrinsecamente ação”:

Por esse motivo, a sua natureza é estratégica e, virtualmente, instituinte. Esse meio emite, junto com a informação, exigências e ordens. Em consequência, o *desvendamento de outros usos sociais da (e para a) técnica constitui-se num dos maiores desafios enfrentados pelos que procuram por projetos para a defesa de um futuro melhor.* (RIBEIRO, 2008, p. 191, grifos do autor)

Concorda-se com Ribeiro de que não há neutralidade na tecnologia e que a “*liberdade não emana diretamente da técnica*” (op. cit., p. 195), acrescentando que é nos lugares de atuação de grupos e iniciativas que se apropriam dos meios de comunicação que a técnica pode possibilitar o surgimento de usos criativos de uma tecnologia autônoma e, por que não dizer, “livre” em suas acepções e significados.

Freifunk

Como mencionado anteriormente, a iniciativa Freifunk, por exemplo, vem construindo, com muita criatividade, uma infraestrutura descentralizada de rede sem fio em determinados distritos de Berlim, gerenciada pelos próprios usuários e com custos muito baixos:

Precisamos primeiro diferenciar duas coisas, a internet e a rede Freifunk. Os custos principais para os participantes da rede Freifunk estão relacionados com os aparelhos. Você vai precisar de um roteador, que custa em torno de 30 a 60 euros. Para muita gente isso é caro, mas em comparação com qualquer outra tecnologia é muito mais barata. E se você compra uma quantidade maior de roteadores pode conseguir um preço melhor ou até mesmo a doação de alguns aparelhos pelos fornecedores. Uma ideia importante da rede Freifunk é que esses roteadores não pertencem a uma organização, mas às pessoas que os utilizam. Desse modo é criada uma infraestrutura que vai ser utilizada por todos de modo coletivo. (Jürgen Neumann, Freifunk)

Neumann chama atenção para o fato de que se essa infraestrutura pertencesse a uma única organização ou indivíduo isso poderia ter consequências legais, pois essa organização ou esse indivíduo poderiam ser considerados um provedor. Além disso, segundo ele, isso seria também contraditório com a ideia de uma rede descentralizada, já que uma única organização poderia desabilitar ou vender a rede para terceiros. Mas se a “propriedade” da rede está nas mãos dos usuários, a infraestrutura permanece coletiva e continua funcionando, mesmo que alguns dos usuários abandonem a rede ou vendam seus roteadores:

Isso significa que se microcrédito for utilizado para construir uma infraestrutura assim, é necessário estar sempre atento para que ela permaneça nas mãos de seus usuários, que eles tenham seus próprios roteadores e algum conhecimento da técnica. Uma ideia de base é a de que seus usuários possam gerir a infraestrutura instalada de suporte à rede. (Jürgen Neumann, Freifunk)

Não é o que acontece com a infraestrutura de internet sem fio pertencente aos grandes provedores, instalada na maior parte dos distritos de Berlim. O momento, inclusive, é o de ampliação desta infraestrutura nos espaços públicos da cidade, destinando a implantação e a operação da infraestrutura para grandes empresas do ramo, via edital público. Para Neumann, no entanto, essa infraestrutura não será distribuída de modo justo e igualitário na cidade, já que:

vai ser instalada naqueles locais onde há mais turistas e pessoas que podem pagar pelo serviço, e vai funcionar bem aí, enquanto que em distritos como Neukölln, Wedding,

Friedrichshain, essa infraestrutura não vai existir nunca, pois lá não há uma densidade suficiente de clientes, de pessoas que possam pagar pelo serviço caro, que exige a instalação de centenas ou de milhares de roteadores.

A política também está presente na atuação da iniciativa Freifunk, embora muitos considerem a instalação de uma infraestrutura de rede sem fio na cidade de Berlim como uma questão de ordem técnica. Jürgen Neumann diz que os encontros semanais do grupo no centro da cidade na sede da C-Base servem, sobretudo, para tratar de questões mais técnicas, pois quem participa desses encontros quer aprofundar conhecimento técnico, *“mas sempre na perspectiva de tornar a técnica mais simples e acessível”*. No entanto faz a ressalva de que a questão de uma infraestrutura pública de comunicação já é em si uma questão política: *“Quem tem acesso à internet, onde existe internet, quão cara é essa infraestrutura, como será instalada, todas essas questões têm conteúdo político. E qualquer um que se envolva com essas questões está agindo politicamente”*.

Com a queda do muro, a cidade atraiu, no início dos anos 1990, não só artistas e intelectuais de uma cena dita alternativa, mas também muitas pessoas que dominavam a tecnologia digital e eram capazes de programar computadores, reunidos em torno de iniciativas como o Chaos Computer Club e a C-Base. Jürgen Neumann sublinha este fato para justificar o porquê do surgimento da iniciativa Freifunk na cidade, uma rede na qual todos os usuários tivessem os mesmos direitos de acesso, algo que acreditava ser possível através da tecnologia WLAN:

Havia também muitas empresas de informática, que atraíam programadores capazes de desenvolver novos softwares. Muitas dessas pessoas estavam desempregadas e dispunham de tempo para uma iniciativa assim. Era um excelente momento para iniciar uma infraestrutura de rede coletiva.

Capoeira e Orkut

Comparados ao Orkut,³ os domínios virtuais não se tornam uma ferramenta para todos os grupos e movimentos culturais e artísticos nos bairros populares em Salvador, porque são, em geral, pagos para permanecer no ar. Nas palavras do contramestre do grupo Vadição Capoeira de Itapuã, André: *“O custo hoje de um webdesigner é alto para desenvolver um site, porque não adianta a gente colocar pouca informação, a Capoeira é rica, então tem que apresentar tudo que ela tem e aí a gente se limita ao Orkut, coisas mais fáceis”*.

É através do Orkut que uma nova cultura “virtual” de articulação e encontro pode se desenvolver entre os praticantes da Capoeira em Salvador, estreitando laços e valorizando as relações e a troca de informações:

Hoje o pessoal está utilizando muito o Orkut, para comunicar suas rodas. Na Capoeira a gente tem a cultura do convite. Geralmente faz uma coisa formal e convida os colegas para vir compartilhar o batismo, que é a cerimônia festiva da Capoeira e ali acontece aquela integração, confraternização, tanto dentro da roda como fora, e quando acabam as rodas acontecem as mesas redondas: cada um troca suas informações, suas experiências. (André, contramestre do grupo Vadiação Capoeira de Itapuã)

Pesquisas mais recentes demonstram a existência de mais de uma dezena de comunidades ativas no Orkut, dedicadas à divulgação e ao intercâmbio de informações sobre a Capoeira em Salvador. Algumas destas comunidades mantêm fortes vínculos com determinadas áreas da cidade, como é o caso da UNICAR, cuja sede localiza-se na Cidade Baixa (na localidade da Pedra Furada), e do Grupo Camugerê, cuja origem está relacionada ao bairro de Itapuã e é liderado pelo Mestre Tosta. Os assuntos debatidos são os mais variados: música de Capoeira que você mais gosta, qual é seu professor e onde você treina, o que significa ser discípulo para você, apelidos, etc.

Instado a falar sobre o objetivo da criação da comunidade Camugerê no Orkut, Mestre Tosta explica que, em geral,

você começa com seu Orkut pessoal. Eu acho que começou assim do particular e do particular tendo a necessidade de fazer o lado profissional, a gente tem a comunidade no Orkut do próprio Camugerê, tem a minha comunidade particular e todos os professores têm a sua e com o apelido na Capoeira e o nome do grupo, exemplo: professor Manoca Camugerê Capoeira. O objetivo é a comunicação e é mais viável financeiramente também, até mais que o telefone. Nos sites existem custos e no Orkut não, no momento o Orkut é muito mais viável, o site tem o custo de hospedagem.

Mas há também quem reconheça que o acesso à rede mundial de computadores ainda é muito limitado entre os mestres e praticantes de Capoeira em Salvador, o que dificulta muitas vezes os contatos e a troca de informações entre os grupos: *“infelizmente parece que todo mundo tem acesso a internet, mas não é todo mundo que tem acesso, a gente fala ‘pô, globalização’, mas não é todo mundo que tem esse acesso”* (Mestre Carço, do grupo Stella Maris Capoeira, com sede no bairro de Itapuã). No bairro popular do Calabar, Mestre Malvina também admite que nem todo mundo tem computador: *“eu mesmo não tenho, mas meu irmão tem, eu venho até a lan house, venho na lan house de manhã, aí tem que pagar, né?”*. E, no universo das *lan houses*, muitos sequer acessam estas informações, preferindo os jogos eletrônicos, as salas virtuais de bate-papo e os contatos pessoais.

Cabe ainda ressaltar que o estigma acompanha a prática da Capoeira, que foi discriminada somente no ano de 1937, quando se transforma em esporte e são organizadas academias para seu ensino. Originária da experiência de africanos e seus descendentes no Brasil, desde 2008 está registrada como patrimônio imaterial pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Cultura (OLIVEIRA, LEAL, 2009). A “arte-luta”, representada pelos movimentos das danças e pelos rituais dos negros, constituiu-se em um modo de resistência, manifestado inicialmente em praças, áreas

portuárias, próximo às igrejas ou das estalagens onde viviam os escravos “de ganho” (RÖHRING-ASSUNÇÃO, 2004, p. 366). A sua história é marcada pelas perseguições policiais aos praticantes, comumente chamados de “vagabundos” e considerados “perigosos” para o restante da sociedade. A partir da sistematização do ensino de Capoeira nas escolas, ela passa a ser ministrada em escolas públicas e privadas em praticamente todos os bairros da cidade:

A gente costuma dizer que a Capoeira deixou de ser um esporte, uma luta do negro, pra se tornar um esporte do branco. Hoje em dia você chega nas escolas da Pituba, Ondina, Amaralina, quase todas as escolas têm Capoeira. (...) É como se fosse a matéria Educação Física. (Paulo Bonfim, do Grupo UNICAR)

Pode-se afirmar ainda que, hoje, a acessibilidade e a mobilidade dos grupos e praticantes de Capoeira na cidade são potencializadas, muitas vezes, em termos de maior ou menor acesso à rede mundial de computadores. Em passado recente, a liberdade dos adeptos da dança-luta de matriz africana (e sua mobilidade na cidade) se dava, sobretudo, em termos de possibilidades de ação e de visibilidade de suas práticas nos espaços públicos urbanos.

Nossas pesquisas demonstraram que em Salvador vem ocorrendo um estreitamento das relações entre os grupos de Capoeira bem como uma intensificação da comunicação entre eles, através da internet, evidenciada pela troca de informações e divulgação de eventos diversos, antes limitadas pelo relativo isolamento dos grupos/ Mestres. Ficou explícito também que existe uma espacialização heterogênea dos grupos de Capoeira em Salvador, que atuam em diversas “comunidades”/bairros distintos, ramificando-se deste modo no espaço urbano e ampliando seus campos de atuação na cidade, no Brasil e no mundo: ou seja, sua atuação perpassa três escalas, três recortes de análise, o internacional, o nacional e o local.

As táticas de apropriação sócio-espacial dos meios de comunicação pelos agentes aqui apresentados revelam o conteúdo político de suas ações, que, sem dúvida, têm rebatimento concreto em seus lugares de atuação. São táticas que abrem esses grupos para o “exterior”, revelando ainda uma característica fundamental de suas formas de organização: a articulação em redes de sociabilidade, que, muitas vezes, extrapolam os limites dos bairros, distritos e “comunidades” onde atuam (SERPA, 2005).

Angelo Serpa – Doutor em Planejamento Paisagístico e Ambiental pela Universitaet Für Bodenkultur Wien. Professor associado do departamento de Geografia da UFBA e dos programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Geografia. Pesquisador do CNPq.

Notas

- 1 Estágio realizado com bolsa de pós-doutorado da CAPES.

- 2 <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2009/tic-domicilios-2009.pdf>.
- 3 O Orkut é uma rede virtual de comunidades filiada ao Google, criada em 19 de Janeiro de 2004, com o objetivo de “ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos”. Seu nome é uma referência ao projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro de nacionalidade turca do Google. O sistema possuía em 20 de agosto de 2007 mais de sessenta milhões de usuários cadastrados. O Brasil é o país com o maior número de membros. O Orkut tem tido uma enorme repercussão no país e essa influência se expressa no cotidiano das mais diversas classes sociais; é, sobretudo, uma ferramenta de acesso gratuito que proporciona a conexão e a proximidade (mesmo que virtual) entre pessoas para a comunicação cotidiana, além de permitir novos contatos, dando vazão à expressão de grupos minoritários. Esse fenômeno abre, portanto, uma via de manifestação para movimentos de resistência e sociabilidade (MORAES, 2008).

Referências

- CERTEAU, M. de. **A Cultura no Plural**. 3 ed. Campinas-SP: Papirus, 2003.
- MORAES, K. G. **Espacialização dos domínios virtuais alternativos de divulgação de movimentos sociais e musicais, com atuação em bairros populares de Salvador-BA**. Relatório Final de Pesquisa. Salvador: PIBIC/CNPq, UFBA, 2008.
- OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. **Capoeira, Identidade e Gênero**: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.
- RIBEIRO, A. C. T. A atualização técnica do urbano. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 5, n. 8, p. 189-213, 2008.
- RÖHRING-ASSUNÇÃO, M. Capoeira e escravidão. Resenha do livro de Carlos Eugênio Líbano Soares. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 31, p. 365-367, 2004.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERPA, A. Mergulhando num mar de relações: redes sociais como agentes de transformação em bairros populares. **Geografia**, Rio Claro-SP, v. 30, n. 2, p. 211-222, 2005.
- VASCONCELOS, H.; ANJOS, J. dos. 4 espaços públicos da cidade já dispõem de internet, mas pouca gente a utiliza. **A Tarde**, Salvador, p. A4, 8 jul. 2010.